

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA- UNIPAMPA
CAMPUS DOM PEDRITO
CURSO DE TECNOLOGIA DO AGRONEGÓCIO**

MARI ANDREA BITENCOURT PIRES

**O ASSOCIATIVISMO NA ASSOCIAÇÃO DOS OLIVICULTORES DO SUL DO PAÍS
- OLISUL**

**Dom Pedrito
2016**

MARI ANDREA BITENCOUT PIRES

**O ASSOCIATIVISMO NA ASSOCIAÇÃO DOS OLIVICULTORES DO SUL DO PAÍS
- OLISUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Tecnólogo em Agronegócio, pela Universidade Federal do Pampa.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo da Silva Lisboa.

**Dom Pedrito
2016**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

P4210452012a Pires, Mari Andrea Bitencourt

O Associativismo na Associação dos Olivicultores do Sul do País - Olisul / Mari Andrea Bitencourt Pires.

34 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, AGRONEGÓCIO, 2016.

"Orientação: Rodrigo da Silva Lisboa".

1. O Associativismo. 2. O Associativismo Empresarial e Competitivo. 3. A Olivicultura. 4. Olivicultura no Mundo, no Brasil e no RS. 5. A Associação de Olivicultores do Sul do País - Olisul. I. Título.

MARI ANDREA BITENCOURT PIRES

**O ASSOCIATIVISMO NA ASSOCIAÇÃO DOS OLIVICULTORES DO SUL DO PAÍS
- OLISUL**

Trabalho de conclusão do Curso de Tecnologia do Agronegócio da Universidade Federal do Pampa Campus Dom Pedrito/RS, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Tecnólogo em Agronegócio.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 21 de junho de 2016.
Banca Examinadora:

Professor Dr. Rodrigo da Silva Lisboa

Orientador

UNIPAMPA

Prof. Dr. Norton Victor Sampaio

Unipampa

Prof. Dr. Vagner Brasil Costa

Unipampa

Dedico esse trabalho a minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a minha família pelo apoio em todos os momentos de minha vida.

Ao meu pai e minha mãe, meu porto seguro.

Ao meu filho Arthur, meu maior incentivo de vida.

Ao meu marido Cléber, meu companheiro de jornada acadêmica, por estar sempre segurando minha mão e me dando toda a força para seguir em frente.

Ao professor Rodrigo Lisboa, meu orientador, pela enorme paciência e dedicação para comigo na elaboração deste projeto. Muito obrigada!!

Aos professores Vagner Brasil e Norton pela honra de fazerem parte de minha banca.

E aos meus colegas e amigos que dividiram comigo esta caminhada.

Muito Obrigada queridos!!!

“A mudança não virá se esperarmos por outra pessoa ou outros tempos. Nós somos aqueles por quem estávamos esperando. Nós somos a mudança que procuramos”.

Barack Obama

RESUMO

O associativismo pode ser uma ferramenta de crescimento econômico e principalmente social, na qual pessoas ou organizações somam ideias e forças para juntas atingirem suas metas. Assim, este trabalho teve por propósito identificar como a Associação dos Olivicultores do Sul do País – Olisul - foi formada e o que ela representa para a olivicultura gaúcha. Para isso, foi realizado um estudo de caso junto a esta Associação através de entrevistas com informantes chaves. Participaram deste levantamento a Presidente da Olisul e o coordenador da Câmara setorial da olivicultura do estado do RS. Verificou-se que o êxito desta associação passou pelo pioneirismo de pequenos produtores da região de Caçapava do Sul que investiram nesta nova cultura, impulsionando e impulsionadas por medidas governamentais e suporte técnico que auxiliaram novos produtores interessados na plantação de Oliveiras. Foi observado ainda que essa iniciativa, além de gerar novas oportunidades de emprego, ainda propiciou uma maior circulação de renda na comunidade ao levar o produto gaúcho até às mesas dos consumidores nos mais diversos locais.

Palavras-chave: Associativismo, oliveira, agricultura.

ABSTRACT

The association can be an economic growth tool and mainly social in which people or organizations add ideas and forces to achieve their goals together. Thus, this study was to identify purpose as the Association of growers of the south of the country - Olisul - was formed and what it represents for the gaucho olive growing. For this, a case study was conducted with the Association through interviews with key informants. In this survey the President of Olisul and the coordinator of the sectoral Chamber of olive cultivation in the RS state. It was found that the success of this association passed the pioneering small producers in South Caçapava region who have invested in this new culture, driving and driven by government measures and technical support that helped new farmers interested in planting olive trees. It was also observed that this initiative, as well as generating new employment opportunities, still provided a greater circulation of income in the community to take the gaucho product to the tables of consumers in various locations.

Keywords: Associative, olive, agriculture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Produção Mundial de Azeite de Oliva - 2011/2012.	19
Figura 2 – Produção Mundial de Azeitona de Mesa - 2011/2012.....	19
Figura 3 – Consumo de Azeite de Oliva no Brasil - 1990/2009.....	20
Figura 4 – Consumo de Azeitona de Mesa no Brasil – 1990/2009.....	21
Figura 5 – Levantamento edafoclimático para Olivicultura no RS	22
Figura 6- Plantação de Oliveiras em Caçapava do Sul.....	25
Figura 7 – Azeites de Oliva Extra Virgens Gaúchos.....	26
Figura 8 – Salão do Azeite na Feira Envase/Brasil Alimenta 2016.	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVO	13
2.1 Objetivos específicos	13
3 JUSTIFICATIVA	14
4 REVISÃO DE LITERATURA	15
4.1 O Associativismo	15
4.1.1 O Associativismo Empresarial	16
4.1.2 O Associativismo Competitivo	17
4.2 A Olivicultura	18
4.2.1 Olivicultura no Mundo.....	18
4.2.2 Olivicultura no Brasil.....	20
4.2.3 Olivicultura no Rio Grande do Sul	21
4.3 Associação de Olivicultores de Caçapava do Sul - AOC	22
5 METODOLOGIA	24
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
APÊNDICE 1	34
APÊNDICE 2	35

1 INTRODUÇÃO

A importância das práticas associativas apresenta ao longo da história papel relevante no desenvolvimento da humanidade. Assim, é de extrema relevância proporcionar um debate de ideias e conceitos da compreensão do associativismo como um meio de promover o tão desejado desenvolvimento através da ação conjunta e da vontade de pessoas de realizar esta transformação.

Esse desejo de mudança vem de muitos anos atrás quando nas sociedades primitivas, por exemplo, os povos ancestrais se utilizavam da caça para conseguir sua alimentação e, devido aos poucos recursos, organizavam-se em grupos que, posteriormente, originaram as famílias. Isso demonstra que a necessidade de superar os desafios impostos pela sociedade, torna o homem capaz de aliar esforços pelo bem comum (FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA, 2013).

O associativismo tem por sua concepção melhorar a qualidade de vida do ser humano. Em uma associação vale ressaltar ainda que a ação coletiva tem o poder de se sobressair a uma ação individual que não apresenta resultados satisfatórios.

Em relação à agricultura brasileira este tipo de organização vem sendo muito utilizada, pois o mercado vem adotando modelos que excluem agricultores que não conseguem responder a necessidade do aumento da produção agrícola. Por isso, muitos produtores vêm se organizando através do trabalho coletivo, visando combater essas exigências que o mercado atual lhes impõe.

A cooperação entre os pequenos agricultores se constitui, assim, numa alternativa concreta para a sobrevivência dos mesmos. Exemplo disso é a Associação de Olivicultores do Sul do País – Olisul. Com a crescente demanda da produção de azeitona e seus derivados no Rio Grande do Sul, a secretaria da Agricultura gaúcha iniciou o fomento à olivicultura.

Muito apreciada pelos povos do mediterrâneo, onde sua cultura teve grande expansão, a oliveira vem conquistando espaço em todo o território brasileiro, principalmente no sul do país, aonde o azeite de oliva gaúcho vem tendo destaque no mercado brasileiro. (OLISUL, 2015)

2. OBJETIVO

Este trabalho tem por objetivo compreender o associativismo e sua importância no desenvolvimento da olivicultura, dentro de suas organizações, através da formação da Olisul.

2.1 Objetivos específicos

- entender como se caracteriza (integrantes, organização), se consolida e onde se concretiza a associação;
- analisar quais são os incentivos do governo para esse tipo de organização ligado a olivicultura;
- identificar a participação e a influência da associação para o mercado de azeites brasileiro.

3. JUSTIFICATIVA

A metade sul do Rio Grande do Sul é uma região caracterizada por grandes extensões de terras e tem suas atividades principais ligadas ao meio rural, basicamente dedicada à agricultura e a pecuária. Porém, nos últimos anos outras culturas vêm tomando destaque na região, a viticultura, a soja e mais recentemente a olivicultura são exemplos destas mudanças. Assim, entender a importância de organizações que promovam o desenvolvimento, a diversificação das atividades e da região como um instrumento de estratégia para esse objetivo é de extrema valia, ainda mais quando esta organização é formada pela associação de pequenos produtores, como é o caso da Olisul.

Conforme Frantz (2002. P.33) o processo do desenvolvimento local permite levantar a hipótese da ampliação da dimensão humana da economia pela maior identidade dos seus agentes. E acrescenta ainda que o desenvolvimento é uma operação fundamentada também em relações sociais associativas, de onde podem surgir atos cooperativos.

Portanto, é de extrema importância compreender qual é a dinâmica do associativismo e o que suas práticas associativas podem contribuir para que ideias e projetos possam interferir positivamente no desenvolvimento de uma região e principalmente no ser humano.

Espera-se ao final deste trabalho, a compreensão da importância do associativismo para a olivicultura na região, bem como demonstrar o associativismo como importante ferramenta de desenvolvimento regional sustentável e social, podendo servir de estímulo para que este tipo de organização seja copiado e que seus resultados influenciem de forma significativa, também na economia da região, além de contribuir para futuras pesquisas nesta área.

Isto também auxiliará como complemento na formação do Tecnólogo do Agronegócio, pois permitirá que sejam trabalhados, discutindo e analisando temas de extrema relevância para a formação profissional e pessoal do acadêmico.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1 O Associativismo

As atividades na agricultura vêm passando por intensas mudanças. O que antigamente era apenas um ato de produzir para subsistência, hoje se tornou uma unidade totalmente dependente da comercialização dos insumos e processados (BIALOSKORSKI NETO, 2005).

Assim, de acordo com a Fundação Demócrito Rocha (2013), houve a necessidade de se organizar e somar esforços para alcançar um objetivo comum. Ao longo de toda a história há registros de experiências e tentativas de associações econômicas com estrutura semelhantes às das instituições cooperativistas modernas. Entre os anos de 356 e 425 d. C, na Palestina, menciona-se a existência de associações mútuas, entre caravanas de mercadores, para a criação de gado. Já na Grécia e Roma antigas, os menos abastados agrupavam-se para terem condições de enterrarem seus familiares. Numa sociedade industrializada, os artesões se reuniam em associações, que aos poucos foram evoluindo para organizações econômicas e políticas.

Conforme Ganança (2006) o associativismo teve sua importância ressaltada por Alexis de Tocqueville, ao enfatizar sua contribuição para o fortalecimento da democracia, pois dá subsídio à união de interesses individuais possibilitando a educação do povo para o convívio democrático. Sendo assim, Putnam (2002, p.103-4) afirma que:

(...) as associações civis contribuem para a eficácia e a instabilidade do governo democrático, não só por causa de seus efeitos "internos" sobre o indivíduo, mas também por causa de seus efeitos "externos" sobre a sociedade. No âmbito interno, as associações incutem em seus membros hábitos de cooperação, solidariedade e espírito público (...). A participação em organizações cívicas desenvolve o espírito de cooperação e o senso de responsabilidade comum para os empreendimentos coletivos. Além disso, quando os indivíduos pertencem a grupos heterogêneos com diferentes tipos e membros, suas atitudes se tornam mais moderadas em virtude da integração grupal e das múltiplas pressões. Tais efeitos, é bom que se diga, não pressupõem que objetivo manifesto da associação seja político. Fazer parte de uma sociedade orfeônica ou de um clube de ornitólogos pode desenvolver a autodisciplina e o espírito de colaboração.

Em relação à importância do associativismo para o desenvolvimento local e social, Souza (1993) diz que é de extrema importância colocar o desenvolvimento

humano em destaque de qualquer outro tipo de desenvolvimento, principalmente o chamado desenvolvimento econômico. Segundo ele não existe o econômico sem o social. O social é determinante, já o econômico é resultado deste desenvolvimento.

Na concepção de Canterle (2004), o brasileiro é referência em evolução no que se refere ao criatório de possibilidades de novas organizações associativas, seja no meio rural como no urbano. Tudo que já foi dito aqui sobre a importância do associativismo para o desenvolvimento local ou social, mostra que em primeiro lugar esse desenvolvimento deve atingir o ser humano, pois ele é o centro de todo o crescimento, ele é quem cria meios, caminhos que possam levá-lo a conquistar a melhoria das condições de vida, sendo essa o começo para atingir o tão esperado desenvolvimento social e, conseqüentemente, o local.

No Brasil quem regula as formas associativas nas suas mais diversas formas é o artigo 44 do Novo Código Civil (Lei 10.406 de 2002) nele entende-se pessoas jurídicas de direito privado: as associações; as sociedades; as fundações; as organizações religiosas; os partidos políticos. Sendo assim, a associação é uma pessoa jurídica de direito privado tendo como objetivo a realização de atividades culturais, sociais, religiosas, recreativas etc..., sem fins lucrativos, ou seja, não visam lucros e dotados de personalidade distinta de seus componentes. Com isso, a associação passará a ser sujeito de direitos e obrigações.

Em decorrência, cada um dos associados constituirá uma individualidade, e a associação uma outra, tendo cada um seus bens, direitos e obrigações, sendo que há, entre os associados, direitos e obrigações recíprocas.

Para deixar claro, a diferença entre associação e cooperativa, é que enquanto a primeira visa união de pessoas para conquistar um bem comum, social e a segunda tem por finalidade essencialmente econômica, viabilizando o negócio produtivo dos associados junto aos mercados (SEBRAE NACIONAL, s/d).

Muitos estudiosos na questão do associativismo relatam vários aspectos desta prática no que diz respeito à busca pelas empresas de uma fatia do mercado econômico. Exemplo disso é o Associativismo Empresarial e o Associativismo Competitivo que trabalham com a mesma filosofia do cooperativismo entre as empresas, mas com técnicas e atitudes diferenciadas.

4.1.1 O Associativismo Empresarial

O conceito de associativismo empresarial, segundo Bianchi (2007) é caracterizado por ser um pequeno e tradicional universo de entidades empresariais e patronais, organizadas a partir da natureza da sua atividade econômica, a fim de defender e potencializar o seu segmento promovendo ações com empresários e relacionamento com o governo.

O associativismo empresarial exige a aprendizagem da colaboração entre indivíduos a favor de proveitos coletivos. Tal aprendizagem ocorrerá no ambiente de produção, seja para influenciar o ambiente de negócios ou tornar mais eficiente a prática crescente da participação, do engajamento, do associar-se: na soma de esforços em busca da multiplicação de resultados.

Nesse sentido, Balestrin (2010, p. 18) aponta que “a ideia de as empresas utilizarem a cooperação/colaboração com o objetivo de obter soluções coletivas e, portanto, melhorar suas estratégias competitivas no mercado, é uma tendência irreversível do século XXI”.

Mas Olson (1999) discute que o indivíduo só contribuirá para uma ação coletiva, desde que os custos desta atividade seja menor aos esperados e na possibilidade de se tornar vantagens individuais.

4.1.2 O Associativismo Competitivo

Segundo Tirone (2000), o associativismo competitivo nada mais é do que a constituição de vantagens competitivas através da união de uma rede de empresas de um mesmo produto ou de afinidade tecnológicas entre si no seu processo de industrialização, preferencialmente em uma mesma região geográfica.

Neste caso, dois polos servem para explicar melhor como esta prática funciona. No primeiro, onde uma pequena e uma média empresa são articuladas e hierarquizadas a partir de uma grande empresa, predominando uma interdependência entre elas. No segundo polo, médias e pequenas empresas aglomeram-se em um certo local, trabalhando horizontal e verticalmente, resultado na similaridade entre produtos e processos produtivos.

Tirone (2000) cita ainda um artigo da Confederação Nacional da Indústria (CNI) da seguinte forma:

“Agrupamentos (clusters) de Pequenas e Médias Empresas” propõe: conceitua-se um agrupamento (cluster), numa referência geográfica, a aglomeração de empresas ali localizadas que desenvolvem suas atividades de forma articulada e com uma lógica econômica comum, a partir, por exemplo, de uma dada dotação de recursos naturais, da existência de capacidade laboral, tecnológica ou empresarial local, e da afinidade setorial dos seus produtos. A interação e a sinergia, decorrentes da atuação articulada, proporcionam ao conjunto das empresas vantagens competitivas que se refletem em um desempenho diferenciado superior em relação à atuação isolada de cada empresa. (CNI, 1998, pag 8)

Para o autor uma das principais características que distingue o associativismo competitivo de modelos anteriores de políticas de desenvolvimento industrial e de que esta ferramenta pode ser objeto de iniciativa de todos os níveis de governo.

4.2 A Olivicultura

Cultivada há mais de 3 mil anos antes de Cristo, esta planta teve sua origem na Palestina, ao sul do Cáucaso, passando pelas planícies do Irã, chegando ao Egito e por fim povoando toda a região Mediterrânea. Chegou a Europa e a África através dos gregos e fenícios pelos negociantes do fruto e do azeite de Oliva. Conta-se também que os romanos foram grandes agentes do plantio e extração do azeite de oliva durante o século II A.C.

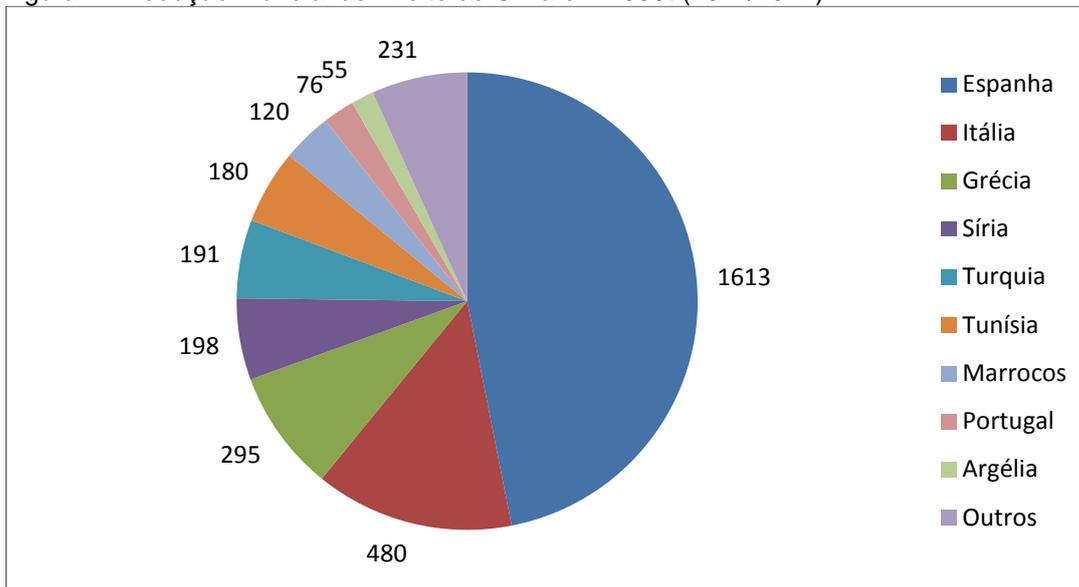
Durante o renascimento a Itália passou a ser o maior produtor de azeite do mundo. Após a descoberta da América em 1492, a cultura da oliveira se expandiu pelo novo continente. De Sevilha, na Espanha, as primeiras oliveiras seguiram para as Índias Ocidentais e mais tarde para o continente americano. Sendo assim, este cultivo atingiu ainda o México, Peru, Califórnia, Chile e Argentina (TERAMOTO, J.R.S; *et al*, 2010).

4.2.1 Olivicultura no Mundo

Atualmente o plantio de oliveiras atingiu até países bem distantes de suas origens, como África do Sul, Austrália, Japão e China. O Conselho Oleícola Internacional (COI) estimou que a safra de 2011/2012 obteve uma produção mundial de mais de 3,4 milhões de toneladas em uma área de 10 milhões de hectares

cultivados. A maior produtora continua sendo a Espanha, seguida da Itália, Grécia, Síria, Turquia, Tunísia entre outras (Figura 1).

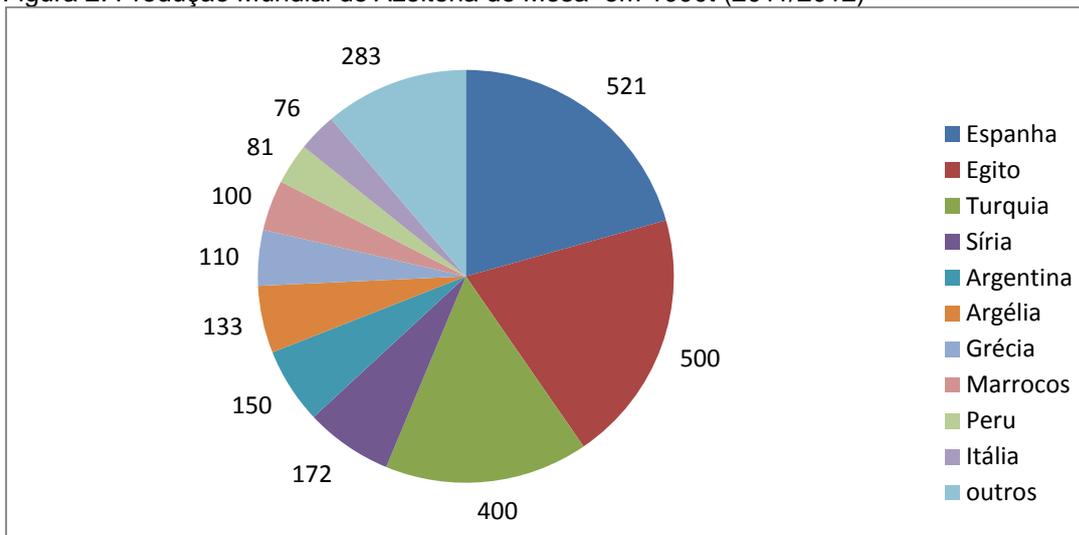
Figura 1: Produção Mundial de Azeite de Oliva em 1000t (2011/2012)



Fonte: Oliveira: aspectos técnicos e cultivo no sul do Brasil – 2015

Já em relação ao cultivo da azeitona de mesa, a instituição computou uma produção de 2,5 milhões de toneladas, tendo como maiores produtores os países: Espanha, Egito, Turquia, Síria, Argentina, Argélia, entre outros (Figura 2).

Figura 2: Produção Mundial de Azeitona de Mesa em 1000t (2011/2012)



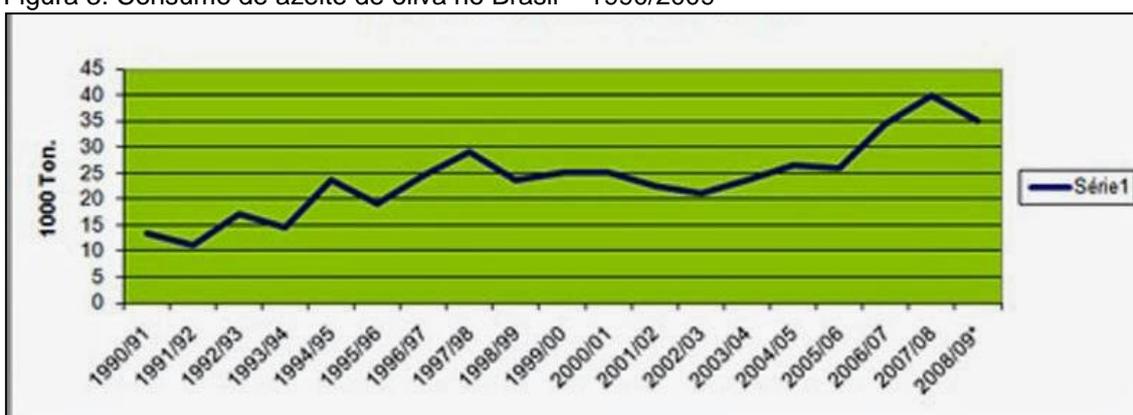
Fonte: Oliveira: aspectos técnicos e cultivo no sul do Brasil - 2015

4.2.2 Olivicultura no Brasil

No Brasil, a oliveira veio junto a imigrantes europeus há muitos séculos atrás, mas foi no ano de 1945, após a segunda guerra mundial, que surgiram as primeiras árvores no sul do estado de Minas Gerais, por iniciativa de pequenos produtores da região. Atualmente o Brasil possui aproximadamente cerca de 3000 ha de área plantada e importa cerca de 100.000 toneladas de azeite de oliva e 68.000 toneladas de azeitona de mesa, sendo o segundo maior importador do mundo, conforme levantamento anual da *International Olive Oil Council*.

Nos últimos 20 anos o consumo do azeite de oliva no Brasil teve um aumento de quase de 20 toneladas, correspondendo a um acréscimo de aproximadamente 140%, sendo que este percentual esta em constante elevação (Figura 3).

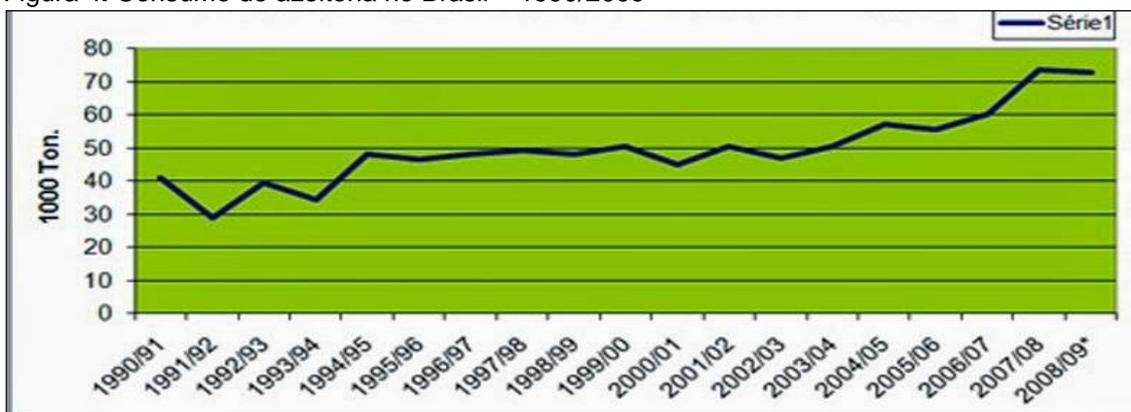
Figura 3: Consumo de azeite de oliva no Brasil – 1990/2009



Fonte: Associação de Olivicultores do Sul do País

Esse crescente consumo se dá, principalmente aos benefícios do azeite de oliva na saúde humana. A procura pela azeitona de mesa seguiu a mesma dinâmica do azeite, porém apresentou um acréscimo menor, de quase 80% (Figura 4).

Figura 4. Consumo de azeitona no Brasil – 1990/2009



Fonte: Associação de Olivicultores do Sul do País

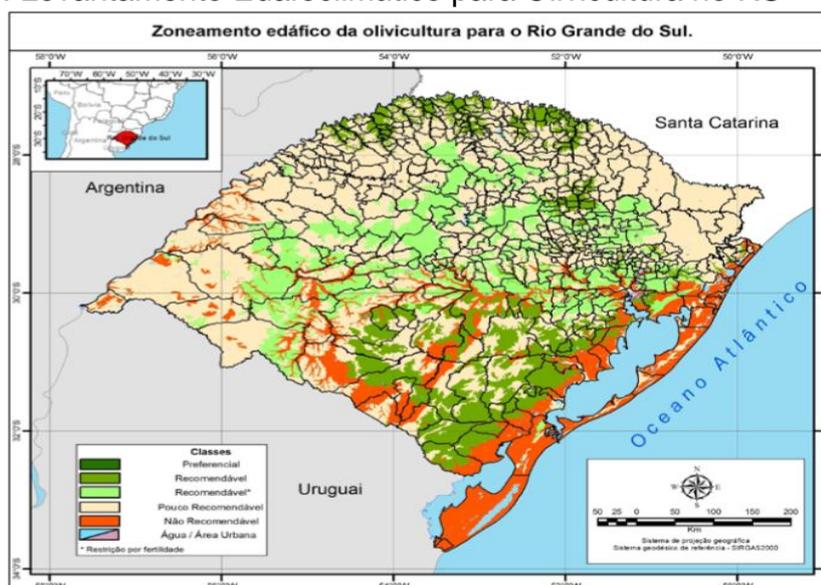
4.2.3 Olivicultura no Rio Grande do Sul

A cultura chegou ao Rio Grande do Sul em 1948. Pioneiro na plantação de oliveiras no estado gaúcho, o embaixador Batista Luzardo introduziu cerca de 72.000 mudas, na cidade de Uruguaiana, tornando-se, por um período, o maior olival do Brasil. Recentemente a maior produção se encontra nas regiões Central e Campanha, tendo como destaque os municípios de Cachoeira do Sul, Caçapava do Sul, Pinheiro Machado, Santana do Livramento e Encruzilhada do Sul. Conforme dados da Embrapa RS (2015), a olivicultura no RS ocupa 1.800 hectares, e é o estado brasileiro que contabiliza a maior produção.

A crescente expansão do plantio da oliveira no Rio Grande do Sul, deu-se após um levantamento Edafoclimático realizado pela Embrapa Clima Temperado em 2009 (figura 5), onde ficou constatado que as melhores regiões do estado para essa cultura seria no Oeste e na Metade Sul do estado por oferecer temperaturas entre 25° a 35° e umidade entre 60% e 80%, necessária na fase de florescimento de acordo com a espécie (COUTINHO, 2009).

Segundo dados da Secretaria de Agricultura do Estado, somente em 2014, foram colhidas mais de 3 toneladas de frutos.

Figura 5: Levantamento Edafoclimático para Olivicultura no RS



Fonte: Oliveira: aspectos técnicos e cultivo no sul do Brasil – 2015

4.3 Associação de Olivicultores de Caçapava do Sul (AOC)

A Associação de Olivicultores de Caçapava do Sul (AOC), criada em 15 de julho de 2005, inicialmente foi composta por empresários de vários ramos da sociedade que investiram na cultura da oliveira com o propósito de estimular o desenvolvimento organizacional deste cultivo. Iniciou suas atividades já trabalhando com o apoio da Agência de Desenvolvimento, através da parceria com a Administração Municipal.

A AOC tem como principal objetivo proporcionar o desenvolvimento do município e região, criando novos empregos e possibilitando uma melhora na renda da população e implantar a cultura da oliveira no Estado do Rio Grande do Sul. Além de produzir uma azeitona de mesa e um azeite puramente brasileiro de ótima qualidade podendo ser comparado aos dos melhores do mundo. Já em 2011, buscando atender também aos olivicultores de outros municípios, se transformou na Associação de Olivicultores do Sul do Brasil – OLISUL.

Atualmente com 48 sócios, entre ativos e inativos, a associação tem como parceiros a prefeitura de Caçapava do Sul, Secretaria de Agricultura do Estado, Emater, Sebrae, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Embrapa, Fepagro, Senai, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Assembleia

Legislativa do RS, Câmara Federal, Câmara Setorial da Olivicultura, Programa Pró-oliva e Secretaria de Educação.

O associativismo se consolida no pagamento das anuidades, na participação das reuniões, na compra dos insumos, na elaboração e organizações de viagens e cursos. Os municípios que fazem parte da Olisul são: Caçapava do Sul, São Sepé, Encruzilhada do Sul, Santa Cruz, Porto Alegre, Uruguaiana, Cacequi e São Gabriel (OLISUL, s/d).

5. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho optou-se por realizar um estudo de caso, por ser este método capaz de conduzir uma pesquisa de caráter descritiva e qualitativa. O estudo de caso é usado em diversas oportunidades, sendo de grande relevância para o conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e afins. Conforme Yin (2010), este método é comum na psicologia, sociologia, ciência política, antropologia, assistência social, administração, educação, enfermagem e planejamento comunitário.

O estudo de caso muitas vezes é condenado por não oferecer objetividade e rigor suficientes para se enquadrar como um método de investigação científica. Além de que os dados coletados podem ser facilmente distorcidos pelo pesquisador utilizando-os de maneira mais efetiva. Outro ponto negativo do uso do estudo de caso seria de que este tipo de análise não fornece bases para generalização científica (CESAR 2005).

Mas como ponto positivo Yin (2010) ressalta que esta metodologia permite que os investigadores sustentem as características reais dos fatos indagados como comportamento, ciclos, processos organizacionais e administrativos, desempenho escolar, e relações por si só. Outra vantagem do estudo de caso sobre outros métodos de investigação tidos como qualitativos é quanto à análise de situações que não se possa fazer interferências no sentido de alterar comportamentos relevantes, onde dados são coletados de inúmeras fontes baseadas em relatos, documentos ou observações, utilizando inclusive evidências catalogadas.

Para a obtenção das informações deste projeto escolheu-se como procedimento metodológico a entrevista aberta, pelo fato de que ela dá ao investigador subsídios mais concretos, reais e ricos em detalhes, claro que se preocupando sempre em buscar fontes seguras e preparadas para a coleta dos dados em questão. Essa opção possibilita ainda a capacidade de assimilar grandes quantidades de novas informações imparcialmente (YIN, 2010).

Foi realizada uma entrevista (Apêndice 1) por correio eletrônico com a presidente da Olisul, onde foi esclarecido todo o funcionamento e a criação da associação em estudo, além de ser entrevistado (Apêndice 2) o Coordenador da Câmara Setorial de Olivicultura do Estado com a finalidade de entender o papel da Olisul e do Governo dentro desta atividade. Geralmente o pesquisador qualitativo

está interessado na interpretação que os próprios participantes têm da situação sobre o estudo. (CASSEL: SYMON, 1994, p. 127 – 129).

6 . RESULTADOS E DISCUSSÃO

O associativismo como ato de união de esforços, cooperação e fortalecimento em uma sociedade competitiva é de extrema relevância e vem ao encontro a conceitos de vários autores, como Tirone (2000) e Souza (1993), que defendem seu propósito de gerar indivíduos capazes de viver em grupo, somando ideais e chegando ao objetivo desejado. O ser humano sempre buscou, por toda a vida, viver em sociedade e se organizar para minimizar suas dificuldades, e a Olisul é um exemplo dessa união, onde pequenos produtores somaram forças para encarar seus obstáculos na implantação do cultivo de oliveiras no Rio Grande do sul.

Para melhor entender essa prática da associação em estudo, a presidente da Olisul Rosane Abdala, respondeu a alguns questionamentos esclarecendo como funciona a entidade e suas perspectivas para o futuro. Segundo ela, a associação está presente em todo o processo, desde a compra de mudas, insumos, equipamentos, industrialização e comercialização. "Tudo é negociado em nome da Olisul, mas claro que ocorrem negócios em separado", diz a presidente. Esse argumento remete ao que diz Canterle (2004), onde ressalta que o associativismo é uma das melhores formas de convivência entre pessoas, pois proporciona que se realize uma troca de experiência, resultando em oportunidades de desenvolvimento e crescimento coletivo.

São 48 sócios envolvidos neste projeto, que possui uma área equivalente a 100 hectares plantados, sendo Caçapava do Sul como o município com maior área (Figura 6).

Figura 6: Plantação de Oliveiras em Caçapava do Sul-RS



Fonte: Associação de Olivicultores do Sul do País - Olisul

Conforme Abdala, todo o produto da associação é envasado na Tecnolivas Óleos Vegetais, localizada em Caçapava do Sul e é comercializado direto ao consumidor, tendo como destaque o olivicultor Marcelo Costi Pereira, da Azeite Costi Olivos. Conforme dados da Câmara Setorial das Oliveiras, cinco marcas ganham destaque na produção de azeite em Caçapava do Sul, são elas: Cerro dos Olivais, Costi Olivos, Dom José, Properato e São Pedro (Figura 7).

Figura 7: Azeites de Oliva Extra Virgens Gaúchos



Fonte: blog Estilo Gourmet Azeite

Já em relação à produção total da associação, a presidente não soube precisar pois, segundo ela, as duas últimas safras sofreram muito com as alterações inesperadas do clima, fazendo com que a Olisul acabasse ficando menos ativa. *"Estamos apostando que com a finalização de nossa indústria este quadro mude para um número de associados mais ativos, já que nossa demanda é maior que a oferta"*, explica. A perspectiva do governo do Estado, de acordo com o Coordenador da Câmara, mostra que o RS é o estado brasileiro com maior potencial de expansão do cultivo da oliveira e, conseqüentemente, da produção de azeite e de azeitonas em conserva.

Isso mostra que o incentivo do governo a esse tipo de associação se faz essencial para que pequenos produtores consigam entrar nesse nicho de mercado que esta ficando cada vez mais competitivo e quem sabe até o azeite gaúcho possa chegar a se equiparar aos produtos estrangeiros, que segundo pesquisas e análises realizadas por entidades especializadas, como a Embrapa, não deixa nada a desejar aos de renome internacional.

Assim, em relação à subsídios oferecidos pelo governo do Estado, Abdala afirma que a Olisul pôde usufruir no início da criação da associação com o

financiamento de R\$ 300.000,00 para a implantação dos pomares de oliveiras, com mudas fornecidas por um viveiro espanhol. O Programa Estadual de Olivicultura do governo do RS é um fomentador da atividade no estado auxiliando no financiamento desde a construção do pomar até a industrialização do produto.

O Programa Estadual de Desenvolvimento da Olivicultura - “Pró-Oliva”, criado pelo governo do Estado em 29 de julho de 2015, visa expansão e consolidação da olivicultura no Estado, proporcionando suporte em defesa sanitária, pesquisa e assistência técnica, crédito e industrialização aos pequenos e médios produtores. Tem como objetivo dar suporte através de instituições bancárias para fomento da produção e industrialização, além de assegurar a parceria com bancos para o crédito a expansão de olivais e agroindústrias. Oferece ainda adequar condições de financiamento ao cultivo de oliveiras, com crédito rural atrelado à assistência técnica e recomendações da pesquisa para a cultura (SECRETARIA ESTADUAL DE AGRICULTURA DO RS, 2016).

Este programa tem coordenação da Câmara Setorial das Oliveiras, da Secretaria Estadual da Agricultura e Pecuária (Figura 8).

Figura 8: Salão do Azeite na Feira Envase/Brasil Alimenta 2016



Fonte: site da Secretaria Estadual de Agricultura do RS – Pró-Oliva

A vantagem em ser sócio de uma associação, de acordo com Abdala, seria a troca de experiências, facilidade na aquisição de benefícios, além de representações junto a entidades e ao governo.

Todos esses dados coletados reforçam a tese de Salomon (2009, p 149) de que:

Atuando de forma compartilhada, não só as grandes e médias empresas estão se tornando mais competitivas; as micro e pequenas empresas também vêm se fortalecendo, ganhando força para competir e aumentar progressivamente sua participação no mercado, tanto nacional quanto internacional.

De acordo com o Coordenador da Câmara o pioneirismo e a coragem de se aventurar em uma cultura nova no Estado, sem a tradição e sem pesquisa técnica apropriada, é destacada como ponto positivo para a Olisul. Esta ação levou a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – Emater e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, a capacitar pesquisadores e extensionistas no mesmo tempo em que outros produtores gaúchos começassem a cultivar as oliveiras, e devido a inúmeras dúvidas de outros interessados, foi criada pela Secretaria Estadual de Agricultores um grupo de extensionistas para dar recomendações aos novos produtores.

Abdala explica ainda que os produtores de oliveira de Caçapava dos Sul também fazem parte da Cooperativa de Produção da Agricultura Familiar de Caçapava do Sul – COFASUL, criada em 2007 com o objetivo de promover a união dos agricultores e pecuaristas de sua região de ação.

Este cenário mostra que o associativismo traz vantagens não apenas aos sócios e sim ao município, região ou estado. Atitudes que resultam em melhorias e que olhando pela ótica do empreendedorismo, onde ousar é necessário, estimula aqueles que se encontram em estado de conforto e até mesmo os que preferem seguir pelos preceitos tradicionais, principalmente no que se refere a prática da agricultura.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, pode-se observar que o ato de associar-se para conseguir superar obstáculos e alcançar objetivos vem de épocas remotas e hoje em dia essa prática ainda vem dando resultados significativos. Mesmo com dificuldades da coleta de maiores informações e na impossibilidade de um estudo mais profundo junto aos demais participantes da associação, por problemas de logística, pode-se comprovar que a Olisul, apesar de estar pouco ativa no momento, é um exemplo de associativismo e de união. Pode comprovar ainda que a cultura da oliveira ainda caminha a passos lentos no nosso Estado, tornando difícil coletar números atuais sobre produção. Ainda assim, com essa iniciativa da criação da Olisul, os produtores além de lançar seus produtos no mercado ainda geraram empregos e renda para o município.

Além disso, a associação serviu de incentivo para que o governo do estado criasse projetos e elaborasse planos de financiamento para que outros produtores independentemente de seus municípios pudessem investir nesta nova cultura, demonstrando que a ação coletiva leva o poder público a criar um ambiente mais propício, promovido por políticas públicas.

A literatura fala ainda que as associações são parte integrante da economia social, sendo pautadas pelos princípios da adesão livre, da cooperação, da autonomia de gestão, da solidariedade, sem ver somente o lucro, sendo estes os pilares desta economia e principais fatores do associativismo.

Assim, é de extrema importância que se volte os olhos para iniciativas de cooperação, como as associações e as cooperativas, pois este tipo de organização apresenta, em muitos casos e em diferentes locais, bons resultados para o desenvolvimento socioeconômico.

Por fim, sugerem-se novos estudos que aprofundem análises sobre esta temática, bem como sobre a OLISUL, apresentando questões mais ligadas ao processo produtivo, e também que tratem da visão dos associados sobre a associação, sobre os associados, seus benefícios, seus problemas e também suas perspectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALESTRIN, Alsones; V ERSCHOORE, Jorge; ANTUNES, Junico. **Gestão de redes de cooperação empresarial**. In: ANTUNES, Junico; BALESTRIN, Alsones, V ERSCHOORE, Jorge. **Práticas de gestão de redes de cooperação**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

BIALOSKORSKI NETO, S. Agribusiness cooperativo in Zylbersztajn, D; Neves, M. F (Coord.) - **Economia & Gestão de Negócios Agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, Thomson Learning. 2005

BIANCHI, Álvaro (2007), **Empresários e ação coletiva: notas para um enfoque relacional do associativismo**, Rev. Sociol. Polit., Curitiba, 28, p.117-129 [online], Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n28/a08n28.pdf> . Acessado em 06.06.2016.

CANTERLE, Nilsa Maria G. **O associativismo e sua relação com o desenvolvimento**. Francisco Beltrão-PR, Unioeste, 2004.

CASSELL, Catherine; SYMON, Gillian. **Qualitative methods in organizational research**. London: Sage Publications, 1994.

CESAR, A.M.R.V.C..**Método do Estudo de Caso (Case Studies) ou Método do Caso (Teaching Cases)?** Uma análise dos dois Métodos no Ensino e Pesquisa em Administração. REMAC Revista Eletrônica Mackenzie de Casos, São Paulo – Brasil,v.1.n.1 2005. Disponível em http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCSA/remac/jul_dez_05/06.pdf, acessado dia 08.06.2016.

Coutinho, E. F.; Ribeiro, F. C.; Cappellaro , T. H. (Ed.). **Cultivo de Oliveira (Olea europaea L.)** / Enilton Fick Coutinho, Fabrício Carlotto Ribeiro, Thaís Helena Cappellaro — Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009.

CNI, **“Agrupamentos (Clusters) de Pequenas e Médias Empresas – Uma Estratégia de Industrialização Local”** , Rio de Janeiro, 1998.

Embrapa Clima Temperado - **Zoneamento agroclimático para oliveira no Estado do Rio Grande do Sul** - (Embrapa Clima Temperado. Documentos, 259). Pelotas 2009.

FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA. **A Origem do Associativismo** – disponível em: <http://fdr.com.br/formacao/2013/associativismo/a-origem-do-associativismo/>, acessado em 05.10.2015.

FRANTZ, Walter. **Desenvolvimento local, associativismo e cooperação**, 2002. Disponível em: <http://www.unijui.tche.br/~dcre/frantz.html>. Acessado em 05.06.2016.

GANANÇA, Alexandre Ciconello. **Associativismo no Brasil: características e limites para a construção de uma nova institucionalidade democrática participativa**, Brasília 2006.

Olisul – **Associação Brasileira de Olivicultores do Sul do País**, disponível em: http://www.olivicultura-rs.com.br/conhec_azeitona.html, acessado dia 29.09.2015.

OLSON, Mancur. **A lógica da ação coletiva: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais**. São Paulo: Edusp, 1999.

Oliveira: aspectos técnicos e cultivo no sul do Brasil / editores técnicos Enilton Fick Coutinho... [et al.]. Brasília, DF: Embrapa, 2014.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

SALOMON, Aloísio Vicente. **A visão do associativismo**. In: LENZI, Fernando César; KIESEL, Márcio Daniel (Org). **O empreendedor de visão**. São Paulo: Atlas, 2009.

SEBRAE NACIONAL - **Diferença entre associativismo e cooperativismo** disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/Entenda-as-diferen%C3%A7as-entre-associa%C3%A7%C3%A3o-e-cooperativa>. Acessado no dia 12.11.2015.

SECRETARIA DE AGRICULTURA, PECUÁRIA E IRRIGAÇÃO DO ESTADO DO RS – **Programa Pró-oliva**. Disponível em: <http://www.agricultura.rs.gov.br/conteudo/7432/?Pr%C3%B3-Oliva>, acessado dia 09.06.2016.

SOUZA, Herbert. Acervo IBASE Memória. Novembro de 1993.

TERAMOTO, J.R.S; BERTONCINI, E.I.; PRELA-PANTANO **Histórico da introdução da cultura da oliveira no Brasil**. 2010. Artigo em Hypertexto. Disponível em: <http://www.infobibos.com/Artigos/2010_4/HistoricoOliveira/index.htm>. Acesso em: 29/09/2015.

Tirone, Luís Fernando. **Os Desafios e Oportunidades da Indústria Brasileira – O Associativismo Competitivo**. Brasília, 2000.

YIN, Robert k. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 4 ed., Porto Alegre 2010.

APÊNDICE I

Roteiro de entrevista:

Em relação à associação em estudo, foram feitas as seguintes perguntas à presidência da Olisul:

1. Em que situação se concretiza a associação?
2. Quantos sócios ela possui? Todos do RS?
3. Qual a importância da Olisul para o município?
4. Quais os municípios envolvidos?
5. Como funciona a Olisul?
6. Quais os benefícios em ser sócio da Olisul?
7. Onde é envasado o produto e como é comercializado?
8. Como esta a demanda do azeite de oliva na região?
9. Qual a produção total de azeite entre os sócios?
10. Qual deles se destaca?
11. O governo dá algum subsídio para a associação?
12. Tem algum financiamento que beneficie este tipo de organização?
13. Existe algum planejamento em se tornar cooperativa?

APÊNDICE 2

Roteiro de entrevista:

Em relação à associação em estudo, foram feitas as seguintes perguntas a Coordenação da Câmara Setorial de Olivicultura do Estado:

1. Qual foi o papel da Olisul no desenvolvimento da Olivicultura gaúcha?
2. Quais foram os pontos positivos e negativos da Olisul?
3. Qual o papel do governo no desenvolvimento desta associação?
4. Existiu algum tipo de subsídio por parte do estado para a associação?
5. Qual o futuro da olivicultura no RS?